Para *Enfermaria*, de Ana Paula Jardim

Muito forte, o conteúdo deste livro remete-nos para um tempo distante mas ainda muito presente, um edifício de tratamento gélido como eram todas as enfermarias.

Os poemas são ciclos que se repetem num interno *Mantra* de rejeição. O grito de cada um dos *pacientes* na voz da autora.

Uma escrita meticulosamente sentida, dolorosa, imediata, apetrechada de um vocabulário diarístico de quem se manteve vivente duma eterna *Enfermaria*.

Esta *Enfermaria* contínua e extensa eleva-se até ao íntimo do sujeito errático mas presente, aqui, em todos os poemas.

Um poemário todo alinhavado e depois costurado meticulosamente à mão, com a linha de gaze crespa e com espessuras de todas as gramagens visíveis a olho nu.

Aqui e ali há pontuais luminosidades em que a autora se perpetua para a vontade de libertação, momentos necessários para a compreensão do todo que foi a insurreição da fome, de um tempo que parecia não ter limite.

Na escrita, a dor e a comiseração do momento cru, tanto quanto o Poeta amou, mostrando a forma de sombras inválidas que vestiram roupagens diferentes para se manterem unas.

Exterior ao todo, são os momentos de respiração que permitem continuar a leitura. Assim, o que se destaca é o que fica acima referido e muito bem construído pela autora.

Inez Andrade Paes